

Governo se tornou refém dos partidos

Maria Lima

• BRASÍLIA. A obrigação de atender aos interesses dos partidos que integram a coligação que lhe deu o primeiro e o segundo mandatos colocou o presidente Fernando Henrique Cardoso no centro de uma discussão sobre sua autonomia para governar e autoridade sobre sua equipe. Neste primeiro mandato, em várias ocasiões Fernando Henrique ficou refém das chantagens e ameaças do PFL e PMDB, os dois maiores partidos da base, e também do próprio PSDB.

Mais de uma vez, o presidente teve de desistir de criar ou extinguir ministérios em razão da insatisfação dos aliados. Outras vezes, passou por situações constrangedoras como a criação de uma pasta, o Ministério das Reformas Institucionais, chamado pejorativamente de Mirim, para atender a pressões do PFL.

Pressões vão continuar no segundo governo FH

No segundo mandato, a situação não será melhor, já que o presidente terá de continuar se sujeitando às imposições dos aliados nos dois próximos anos. Depois disso, ninguém sabe o que será da base governista, já que cada partido começará a trabalhar candidaturas próprias para disputar a Presidência em 2002.

— O segundo mandato será complicado porque o PMDB desponta com o candidato mais forte, Itamar Franco, e o PFL começa a fazer as primeiras evoluções na avenida — avalia o ministro da Defesa, Elcio Álvares (PFL-ES).

Com maioria instável, Fernando Henrique enfrentou derrotas que desfiguraram os grandes projetos do primeiro Governo, como as reformas da Previdência e administrativa. Já no segundo mandato, ele terá de fazer um esforço para continuar acomodando interesses, porque precisa da maioria para concluir o processo de reformas.

O senador Antônio Carlos Magalhães não arrisca dizer se o segundo governo será melhor que o primeiro.

— Todo mandato é diferente. O meu terceiro no governo da Bahia foi o melhor. Mas não estou pregando um terceiro mandato para o presidente. ■